



BULLYING ESCOLAR E A INFÂNCIA: REFLEXÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE EM CRIANÇAS

Amanda Pereira de Albuquerque¹
Sílvia Fernanda de Medeiros Maciel²

RESUMO

Este artigo teve por objetivo favorecer discussões sobre se (e como) aparecem indícios de *bullying* na infância, considerando os estados de agressividade. O *bullying* escolar refere-se a comportamentos intencionais e repetitivos de caráter agressivo, opressor ou ameaçador na relação entre pares, dentro do contexto escolar. Instaura-se um desequilíbrio de forças, onde a vítima não possui recursos para se defender. Devido às transformações hormonais, sociais, psicológicas e emocionais típicas da adolescência, os adolescentes estão mais suscetíveis a se engajarem em situações de *bullying*, então, é neste período que se concentram as pesquisas sobre *bullying*, especialmente no Brasil. No entanto, o que acontece na infância? Não existe *bullying*? Desse modo, a proposta do artigo surge da constatação de lacunas de estudos sobre *bullying* escolar na infância, e procurou se debruçar sobre o *bullying* neste período, articulando com estudos sobre agressividade, na perspectiva do desenvolvimento moral e cognitivo numa pesquisa bibliográfica. Conclui-se que na primeira infância mesmo sem a consciência das consequências dos comportamentos agressivos, comuns do desenvolvimento moral e cognitivo das crianças, ainda assim, é possível identificar práticas de *bullying* na infância, exatamente pelo sofrimento que geram, pela repetição, o caráter agressivo e humilhante dos comportamentos, somado a dificuldade das crianças-vítimas de se defenderem. Portanto, buscou-se fomentar reflexões que levem à gênese de comportamentos de *bullying*, tomando a agressividade como um preditor. Assim como, aponta-se a necessidade de olhar para o universo infantil com estratégias de prevenção, antes de o fenômeno ser instaurado.

Palavras-chave: Bullying Escolar; Infância; Agressividade; Escola.

INTRODUÇÃO

O termo *bullying*, de origem inglesa, sem tradução clara para o português, se aproximaria do significado de “valentão”, “brigão” ou “tirano”. Refere-se à comportamentos intencionais e repetitivos de caráter agressivo, violento, opressor, intimidador ou ameaçador na relação entre pares. Instaura-se um desequilíbrio de forças, onde a vítima não possui recursos para se defender, e assim, é vista como inferior e alvo de vitimização (OLWEUS, 1997, FANTE, 2005). Nas principais classificações, encontram-se: o *bullying* direto, que

¹ Psicóloga pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Psicopedagoga Clínica e Institucional pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), Mestranda do Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). amanda.palbuquerque@hotmail.com;

² Doutora pelo Curso de Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE. silviamaciel.psicologia@gmail.com;



implica em atos de violência física, como bater, chutar e roubar pertences; o verbal, desde apelidos, humilhação e importunação; e o indireto ou relacional, através de rumores, atos de exclusão e isolamento social das vítimas (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSKI, 2013).

A escola apresenta um cenário propício para práticas de *bullying*, pois é onde prioritariamente encontramos relações entre crianças e adolescentes, público que mais sofre com esse tipo de violência. No Brasil, Oliveira et al. (2016) investigou aproximadamente 109 mil estudantes em todo o território nacional através da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, e indicou uma prevalência de agressores de 20,8%, onde os meninos praticavam 2 vezes mais *bullying* do que as meninas, numa média de idade dos agressores entre 14 e 15 anos. Assim, chamamos os comportamentos repetitivos, agressivos, dentro de um determinado período de tempo entre pares de *bullying* escolar (OLIBONI, 2013). Ressaltando, que o *bullying* atravessa outros contextos como o lar, prisões, espaços de trabalho, ou seja, apesar de se considerado um fenômeno das relações escolares, é passível em qualquer ambiente de interação social de pares (COSTA et al., 2015).

Entre as crianças e adolescentes, é possível observar alguns padrões de comportamentos, a literatura divide em alguns papéis, os principais são: as vítimas (alvos das agressões) e os agressores (autores das práticas de *bullying*) e testemunhas. Estudos apontam que os agressores estão mais vulneráveis a se engajarem em comportamentos de risco como o uso de álcool e drogas (MOTA et al., 2018; OLIVEIRA et al., 2016), como também, apresentam os piores desempenhos acadêmicos (ZEQUINÃO et al., 2017; CROCHÍK, 2016). Episódios de insônia, sentimento de solidão e violência familiar foram associados também aos agressores (OLIVEIRA et al., 2016). Enquanto, as vítimas apresentam-se menos sociáveis, passivas, ansiosas e com baixa autoestima (LOPES NETO, 2005; SILVA et al., 2018). E as testemunhas costumam apresentar sintomas similares às vítimas, por presenciarem cenas de violência e terem medo de se tornarem alvos (FANTE, 2005, OLWEUS, 2013).

Mello et al. (2017) apontaram que de modo geral a prática de *bullying* é um fator que costuma interferir na saúde dos escolares e nos processos de ensino-aprendizagem – e pode ser associada à ideação suicida, comportamentos agressivos, insônia, solidão, violência doméstica, evasão escolar, uso de álcool e drogas e, além disso, a exposição de estudantes a espaços de violência contribuem para a ampliação de situações de vulnerabilidade. Portanto, tanto as vítimas quanto os agressores, e testemunhas, nesse contexto de violência estão suscetíveis às consequências negativas na saúde do ponto de vista integral, como também, nos processos de socialização e de aprendizagem.



Diante deste cenário de violência, diversas pesquisas mostram uma relação entre idade e a incidência de *bullying*, sendo maior contra os alunos mais novos, ou seja, costumam serem alvos de violência, enquanto, os agressores são os estudantes mais velhos, na média de 13 e 15 anos (OLIVEIRA et al., 2016; ALCKMIN-CARVALHO; RAFIHI-FERREIRA; MELO, 2016; SAMPAIO et al., 2015). A literatura atribui essa dinâmica às transições dos ensinos nas escolas brasileiras. Para a entrada no Ensino Fundamental anos finais, a média de idade é dos 11 anos e ao Ensino Médio, a média é dos 15 anos, tornando as crianças e adolescentes mais vulneráveis ao *bullying* nesses períodos, tanto como alvos quanto agressores, devido às novas cobranças dos ensinos e as transformações biológicas e psicológicas da adolescência (SILVA et al., 2013; OLWEUS, 2013).

Com isso, poucos estudos tem se debruçado sobre a infância, geralmente as pesquisas tem investigado os adolescentes pertencentes às faixas etárias de 11 a 19 anos (OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASINI; LEVANDOWSK, 2013; COELHO, 2016). O que não apaga a existência de práticas de *bullying* na infância. Então, o que acontece na infância?

Reproduzindo a mesma estratégia de pesquisa de Coelho (2016), mapeamos o “estado da arte” dos estudos que foram publicados no Brasil sobre o *bullying* escolar, no período de 2015 a 2019. Para tanto, realizamos uma revisão sistemática de literatura³, buscando as pesquisas sobre o *bullying* escolar publicadas em formato de artigos em periódicos brasileiros. Fizemos nossa busca nas bibliotecas online ScieELO, PEPSIC e LILACS. Aplicando critérios de inclusão e exclusão, foram analisados 39 artigos, onde apontaram que as pesquisas têm investigado apenas os adolescentes, com idade entre 10 a 19 anos– período vital onde se encontram mais evidenciadas as práticas de *bullying*, associadas a questões de transformações hormonais, físicas, psicológicas e existenciais, e apenas quatro publicações acessaram crianças com menos de 10 anos. Assim, encontramos poucos estudos que tenham tomado como objeto de análise o *bullying* na infância no Brasil (MONTEIRO et al., 2016, ZEQUINIÃO et al., 2016, 2017; MARTINS; FAUST, 2018).

Desse modo, o presente estudo surge a partir da constatação da existência de uma lacuna na literatura acadêmica, de trabalhos que tratem do tema do *bullying* na infância, especialmente, sob a perspectiva de fenômenos da Psicologia Cognitiva e do Desenvolvimento.

Esta reflexão teórica teve por objetivo se debruçar sobre o *bullying* escolar no período da infância, articulando a agressividade às noções de desenvolvimento moral e cognitivo.

³ Artigo submetido para publicação.



Tomando como fenômeno psicológico a agressividade, possivelmente anterior às práticas de *bullying*, que nos parece uma discussão necessária para iniciar a compressão sobre o tema proposto.

Pretendemos com esta construção ressaltar a importância de nos voltarmos para o universo infantil – não só apontando para caminhos e planos de intervenção, mas também criando a possibilidade de uma efetiva prevenção aos comportamentos violentos e ao risco à saúde, restabelecendo uma prática educativa embasada numa ética do cuidado, na perspectiva de promoção a saúde coletiva e individual de crianças no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Esse artigo foi fruto de uma atividade da disciplina de Teorias em Psicologia Cognitiva I do programa de pós-graduação em Psicologia Cognitiva do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, em 2019. O presente estudo se molda como uma pesquisa bibliográfica, norteadas pelo objetivo de promover aproximações teóricas entre as teorias do desenvolvimento cognitivo e o *bullying* escolar para analisar caminhos de como comportamentos agressivos no período da infância podem levar a situações de violência escolar, especificamente, o *bullying*. Na pesquisa bibliográfica realiza-se a apuração de referências teóricas já publicadas e analisadas em busca de conhecimentos prévios para a compreensão de um problema (FONSECA, 2002).

Desta maneira, foram analisados produções de autores como Piaget (1982), La Taille, Oliveira e Dantas (1992), e Candreva et al. (2009) que apresentam construção sobre os estados de agressividade na infância, a partir do desenvolvimento moral. Em articulação com estudos sobre o *bullying* escolar, como os de Olweus (1997), Fante (2005), Oliveira et al. (2016), Zequinão et al. (2017), e outros. Desta maneira, espera-se realizar aproximações sobre a emergência dos comportamentos de *bullying* no período da infância, tomando como possível gatilho, a incidência de comportamentos agressivos no universo infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciando as discussões com as noções do desenvolvimento cognitivo e moral das crianças. Para Piaget (1982), a inteligência e a afetividade são indissociáveis para o desenvolvimento humano. Especificamente, para as crianças de 2 a 7 anos, o autor descreve uma característica do desenvolvimento chamada egocentrismo, tanto intelectual como afetivo,



onde a criança se percebe centro do seu e dos outros mundos, desse modo, supõe que todas as pessoas e coisas vivem em sua função. Porém, ainda não tem domínio sobre o seu “eu”, assim, é heterônoma em seus modos de agir e pensar (LA TAILEE; OLIVEIRA; DANTAS, 1992). Com os avanços qualitativos da inteligência e das interações sociais uma complexa rede mental vai sendo construída, em que passa a levar os outros em consideração.

Nesse período, também, começam surgirem os interesses, desde por palavras, imagens, pessoas e objetos, como brinquedos (PIAGET, 1982). E podem surgir comportamentos agressivos, diante da dificuldade de administrar suas emoções e de seguir as condutas morais, assim, podem empurrar, bater, morder, gritar, “xingar” dentro do seu vocabulário, para atender seus desejos, já que o mundo gira ao seu redor. Aqui temos o início dos comportamentos agressivos na infância.

Outro aspecto relacionado à agressividade da primeira infância se encontra no desenvolvimento de sentimentos interindividuais, com os avanços cognitivos e afetivos, à medida que as crianças ganham recursos para interagir com o meio e para expressar seus sentimentos, surge as simpatias e antipatias:

A simpatia, então, de um lado supõe uma valorização mútua e, de outro, uma escala de valores que permita as trocas. É o que a linguagem exprime, dizendo que as pessoas se gostam: “concordam entre si”, “têm os mesmos gostos” etc. É, portanto, com base nesta escala comum que se efetuam valorizações mútuas. Inversamente, a antipatia nasce da ausência de gostos comuns e da escala de valores comuns (PIAGET, 1982, p. 40).

Diante disso, podemos observar esse movimento na escolha dos parceiros das crianças, como também, na relação com os adultos, e com as figuras de referências. Elas serão moldadas por esses diversos atores sociais a partir dessa escala de valorização, quanto mais afeto, concordância e amor estiverem presentes, mais as crianças são moldadas à essas imagens, como sabemos prioritariamente às figuras paternas. Diante disso, encontramos as inimizades nos ambientes de interação, o desejo de não brincar com certos sujeitos, ou de não dividir o brinquedo, e nesses casos, podemos identificar, em certas crianças, novamente comportamentos agressivos físicos e verbais, como “Ele é chato”, “Não gosto dele”, “Você é feio, bobo”.

Portanto, é difícil caracterizar esses comportamentos agressivos que podem ocorrer na primeira infância num quadro de *bullying*, repetitivo e com intenção de inferiorizar o outro, pois nesse período não existe a consciência do Eu, e de machucar o outro, e por isso, o foco das pesquisas está na adolescência, onde os comportamentos são proeminentes.

Piaget (1982) também discutiu a relação entre o egocentrismo e a agressividade característica desse período com o desenvolvimento moral. Ele apontou que ao ir à busca dos



seus interesses, desejos, seja por objetos ou na escolha espontânea por simpatia/antipatia dos parceiros, as crianças entram em choque com os valores morais da sociedade, ou seja, elas nem sempre vão ter o que querem, ou poderão se comportar da maneira que desejam, por exemplo, de forma agressiva. Então, entra a figura do adulto, valorizado positivamente, exigindo obediência, estimulando os sentimentos morais antes mesmo de elas compreenderem suas implicações.

O autor reforça que os sujeitos precisam estar imersos em relações mútuas e de igualdade, tanto entre os pares quanto com os adultos, para assim, desenvolverem comportamentos morais adequados, não agressivos, e a capacidade de cooperação. Tudo isso irá implicar a partir dos 7 anos na capacidade de tomar o ponto de vista dos outros em consideração, e será quando poderão refletir: “Estou machucando meu colega? Como estou o machucando? Tenho intenção?” (PIAGET, 1982).

No entanto, antes desta idade, mesmo sem a capacidade de se colocar no lugar do outro, não significa que os comportamentos agressivos, sejam verbais ou físicos, não machuquem os colegas. Desse modo, na infância é possível, sim, observar comportamentos agressivos que podem ser caracterizados como práticas de *bullying*. Porém, neste período, não há uma verdadeira intenção de inferiorizar, machucar o outro, ou ainda, não há clara consciência dos efeitos negativos dos seus comportamentos no colega. Mesmo assim, afetam a saúde mental e física das vítimas devido à repetição e caráter agressivo, humilhante e opressor desses comportamentos, somado a falta de capacidade das crianças vítimas de se defenderem. E assim, situações de *bullying* podem ser confundidas ou até mascaradas por esses comportamentos agressivos associados ao desenvolvimento moral.

É comum ouvir pais e professores tomarem “brincadeiras” agressivas e humilhantes entre as crianças como normais, parte do desenvolvimento, das relações entre as crianças, mas se geram sofrimentos, dentro de um quadro onde a criança agressora direciona os ataques a uma vítima de maneira repetitiva, é *bullying*, não importa a idade, e mesmo sem a completa consciência dos efeitos dos seus comportamentos. Especificamente, na escola, as práticas de *bullying* nunca são realizadas na frente dos professores ou das figuras de autoridades, elas acontecem nos corredores, nos intervalos das aulas, numa troca de olhares, num apelido supostamente inofensivo ou numa brincadeira que machuca. De acordo com Trevisol e Campos (2016), é necessário os professores se apropriarem mais do que é o fenômeno do *bullying* para facilitar a identificação e o planejamento de intervenções. Candreva et al. (2009) ao discutir sobre a agressividade na educação infantil, pontuam:



Dessa forma, vemos que a agressividade parece estar ligada ao desenvolvimento da moral na criança, pois a criança que não respeita condutas morais, ou seja, não acata regras e tem dificuldade em controlar suas demonstrações emocionais, pode manifestar-se de forma agressiva. Este estado pode ser fruto de um ambiente coercivo, do aprendizado pela imposição dos adultos ou mais velhos, pela falta de afetividade positiva no ambiente familiar. Portanto, para que a agressividade diminua nessa faixa etária, é necessário proporcionar também à criança o desenvolvimento de condutas morais (p.4).

Em vista disso, os estados de agressividade (CANDREVA et al., 2009), diante desta discussão, parecem-nos anteceder as práticas de *bullying* na infância, e podem estar associados ao ambiente familiar, os tipos de relações de interpessoais, ao clima escolar, as relações de poder professor-aluno, a classe social, escolaridade, e diversos outros fatores que acabam por fundar o desenvolvimento infantil. E desse modo, faz-se necessário olhar para a infância numa perspectiva preventiva de situações de *bullying*, sendo um dos possíveis caminhos é a intervenção nos comportamentos iniciais de agressividade e o desenvolvimento moral adequado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, a partir do desenvolvimento moral e cognitivo que podemos encontrar comportamentos agressivos, sistemáticos, com ou sem intenção, ou consciência de machucar os colegas na infância, sendo classificados, mesmo assim, como práticas de *bullying* na infância. Logo, a infância vem sido desvalorizada nos estudos sobre o *bullying*, o que reforça a necessidade de mais pesquisas sobre esse período que não é isento da violência entre pares, e mais ainda, quando a escola e professores apresentam dificuldades em distinguir as práticas de *bullying* dos atos agressivos isolados no contexto escolar.

Para, então, desenvolver intervenções na escola e no universo infantil, desde o desenvolvimento da inteligência emocional, no nível individual, à formação de estudantes para dá assistência aos próprios colegas em situação de violência, num nível social e de ação coletiva. Assim, neste estudo propõe-se que as intervenções sejam anteriores a constatação de práticas de *bullying* tomando, a partir desta breve reflexão, a agressividade como um preditor.

REFERÊNCIAS

ALCKMIN-CARVALHO, F.; RAFIHI-FERREIRA, R.; MELO, M. H. S.. Bullying and behavior problems reported by victims and teachers: Brazilian findings. **Psico (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 31-39, 2017.



CANDREVA, T. et al. A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Revista pensar a prática**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, 2009.

COELHO, M. T. B. F.. Bullying escolar: revisão sistemática da literatura do período de 2009 a 2014. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 33, n. 102, p. 319-330, 2016.

COSTA, M. R. et al. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center – “Health in Beagá” Study. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, 56, 2015.

CROCHÍK, J. Hierarchy, Violence and Bullying Among Students of Public Middle Schools. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 65, p. 307-315, 2016.

FANTE, C. A. Z. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2. ed., 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, Apostila V, 2002.

LA TAILEE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.

MOTA, R. S. et al. Adolescentes escolares: associação entre vivência de bullying e consumo de álcool/drogas. **Texto contexto enferm.**, Florianópolis, v. 27, n. 3, 2018.

OLIBONI, S. P. **O bullying sob o entendimento de adolescente: reflexões e construções**. In: XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Curitiba, 2013.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 92, n. 1, p. 32-39, 2016.

OLIVEIRA-MENEGOTTO; L. M.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G.. O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Psicol. teor. prat.**, v.15, n.2, p. 203-215, 2013.

OLWEUS, D. Bully/victim problems in school: Facts and intervention. **European Journal of Psychology of Education**, v. 7, n. 4, p. 495-510, 1997.

OLWEUS, D. School Bullying: Development and Some Important Challenges. Annual review of clinical psychology. v. 9, n. 10, 2013.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 11. ed., 1982.

SAMPAIO, J. M. C. et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015.

SILVA, Jorge Luiz da et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.

SILVA, J. L. et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, v. 71, n. 3, p. 1085-1091, 2018.

TREVISOL, M. T. C.; CAMPOS, C. A. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 275-284, 2016.



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

ZEQUINAO, M. A. et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. **J. Hum. Growth Dev.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 19-27, 2017.